



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

LARISSA FERNANDES VIANA DE ANDRADE

Mulheres no Cangaço: condição e fazer

GUARABIRA

2024

LARISSA FERNANDES VIANA DE ANDRADE

Mulheres no Cangaço

Artigo apresentado à banca examinadora no curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

Linha de pesquisa: Etnia, Crença, Gênero e Sexualidade.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Mário Dantas Burity

GUARABIRA

2024

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A554m Andrade, Larissa Fernandes Viana de.

Mulheres no cangaço [manuscrito] : condição e fazer /
Larissa Fernandes Viana de Andrade. - 2024.

25 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Luiz Mário Dantas Burity,
Coordenação do Curso de História - CH. "

1. Cangaço. 2. Mulheres. 3. Maria Bonita. I. Título

LARISSA FERNANDES VIANA DE ANDRADE

Mulheres no Cangaço: condição e fazer

Aprovado em: 27 de junho de 2024


BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Luiz Mário Dantas Burity (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Alômia Abrantes da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Dayane Nascimento Sobreira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A todos que, com seu jeito de ser, não permitiram minha desistência, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus e Nossa Senhora Aparecida, que a cada dia e a cada minuto escutaram minhas orações e me deram forças quando mais precisei.

A minha mãe e ao meu irmão Pablo Lorenzo, por existirem e ter acompanhado todo esse processo de estudos, pela compreensão da minha ausência em alguns momentos e por toda confiança depositada em mim, obrigada por apoiarem minha caminhada acadêmica mesmo não entendendo o que é a universidade.

A minha tia Jacy Viana, que desde meu ensino médio pegava no meu pé para estudar e fazer uma faculdade, obrigada por toda ajuda tia, estou aqui por conta do seu apoio.

Ao professor Luiz Mário, por ter aceitado ser meu orientador e por me ajudar em cada leitura para a formação desse trabalho e pela paciência durante todo o período.

À banca que é composta por duas professoras incríveis, Alômia e Dayane, de quem eu tive a honra de ser aluna, sou grata por ter recebido tanto conhecimento.

À Coordenação do curso de História, na pessoa de Rilane, que desde a minha entrada na universidade sempre escutava minhas lamentações diante as disciplinas que se passavam a cada período e nunca me deixou trancar o curso por mais que eu pedisse.

A todos os professores que passaram as disciplinas do curso durante esses anos, gratidão por ter acrescentado em mim tanto conhecimento.

Aos amigos que fiz durante toda a graduação, por cada momento compartilhado seja de alegria ou tristeza, em especial Laís, Mayane e Rafaela que fizeram a trajetória acadêmica ser leve com momentos recheados de alegrias, bagunças e estudos, serei eternamente grata a cada uma e a Clara, Marília e Luana por ter feito as voltas para casa mais felizes.

Aos familiares e amigos que tenho fora da faculdade que compreenderam minha ausência durante o processo desse trabalho, saibam que foi dolorido não participar de alguns almoços e passeios, mas agradeço o apoio que cada um me deu durante esse tempo.

Agradeço de forma geral a cada pessoa que direta ou indiretamente sempre me ajudavam com uma palavra e um ombro amigo, ter uma rede de apoio quando se é universitário é muito importante.

Por fim, sou grata por ser filha da Universidade Estadual da Paraíba, e por ter estudado em um espaço tão enriquecedor, o que aprendi aqui vai além da História em si pois, entrei aqui uma menina cheia de medos e inseguranças e saio uma mulher segura de si e que se orgulha de todo seu trajeto durante esses anos.

RESUMO

Na primeira metade do século XX, cangaceiros e cangaceiras vagavam pelas terras nordestinas. Seriam bandidos ou heróis? O imaginário popular criou todo um discurso para compreender essas figuras ainda tão presentes em nossa memória. As mulheres faziam parte desse universo. Nesse sentido, trago a discussão da condição das mulheres no Cangaço. O objetivo deste trabalho é retratar a presença das mulheres nos bandos e a identidade que se criou a respeito delas. Assim, iremos retratar a violência e opressão que essas mulheres viviam, dentre as quais a mais famosa era Maria Bonita, e iremos falar sobre o legado e memória que estas mulheres nos deixaram. Fizemos uma pesquisa bibliográfica, por meio da qual pudemos ver dinâmicas das relações entre os homens e as mulheres. Elas usualmente ocupavam a posição de esposas, recebendo presentes e cuidados da parte dos homens, mas também viveram violências de diversas ordens. Entre as suas agências, destaca-se a construção de um estilo para as vestimentas dos cangaceiros, tão fundamentais em nosso imaginário sobre o Cangaço, o sertão, a masculinidade sertaneja.

Palavras-chave: Cangaço. Mulheres. Maria Bonita.

ABSTRACT

In the first half of the 20th century, cangaceiros and cangaceiras roamed the northeastern lands of Brazil. Were they bandits or heroes? Popular imagination has created an entire narrative to understand these figures that remain so present in our memory. Women were part of this universe. In this context, I bring to the discussion the condition of women in the Cangaço. The objective of this work is to portray the presence of women in the gangs and the identity that was created about them. Thus, we will depict the violence and oppression these women experienced, among whom the most famous was Maria Bonita, and we will discuss the legacy and memory that these women have left us. We conducted a bibliographic research through which we could see the dynamics of the relationships between men and women. They usually occupied the position of wives, receiving gifts and care from the men, but they also experienced violence of various kinds. Among their agencies, the creation of a style for the cangaceiros' clothing stands out, so fundamental in our imagination about the Cangaço, the sertão, and sertanejo masculinity.

Keywords: Cangaço. Women. Maria Bonita.

1. Introdução

A região Nordeste é rica em cultura e fatos históricos, e no final do século XIX e começo do século XX, ela ficou bastante conhecida com um movimento de homens que enfrentavam alguns embates pelo Sertão. O cangaço foi esse movimento que entrou em tantas vertentes de interpretação, entre um grupo de pessoas consideradas ruins e, por outro lado, aclamado por ter homens que sofriam e lutavam em prol dos pobres e sem defesa do sertão nordestino. Vale ressaltar que estamos falando de um contexto marcado por uma pobreza muito grande, muitas injustiças sociais e condições extremas que os sertanejos viviam, então algo que não se pode negar é que Lampião e Corisco fizeram muitas coisas ruins, violentas e cruéis em prol de sobrevivência deles e, às vezes, dos mais pobres. Faziam sofrer aqueles que o ameaçavam e matavam simplesmente por não terem ido com a cara do sujeito.

No Sertão nordestino tínhamos o cangaço que era contra a polícia a quem apelidaram de “macacos”. Eles saqueavam as fazendas de pessoas poderosas que tinham boa quantia de dinheiro e ouro guardados em casa, mas também ficaram na memória como quem defendia aqueles que não tinham condições alguma, geralmente fazia da moradia dessas pessoas sua moradia ficavam dias na casa desses coiteiros e por sua fama de homem violento essas pessoas o protegiam com medo da morte.

De acordo com Eric Hobsbawm (2010), esse momento em que o cangaço tinha importância na construção política e social do sertão nordestino pode ser entendido como parte de um fenômeno maior a que o autor se referia como banditismo social:

Nas montanhas e nas florestas. Bandos de homens violentos e armados, fora do alcance da lei e da autoridade (tradicionalmente mulheres são raras), impõem suas vontades a suas vítimas, mediante extorsão, roubo e outros procedimentos. Assim, o banditismo desafia simultaneamente a ordem econômica, a social e a política, ao desafiar os que têm ou aspiram ter o poder, a lei e o controle dos recursos. Esse é o significado histórico do banditismo nas sociedades com divisões de classe e estados.

[...] Portanto, como fenômeno específico, o banditismo não pode existir fora de ordens socioeconômicas e políticas que possam

ser assim desafiadas. Por exemplo – e isso, como veremos, é importante –, nas sociedades sem Estado onde a “lei” assume a forma de rixas de sangue (ou de acordo negociado entre os parentes dos culpados e os das vítimas), os que matam não são proscritos, e sim, por assim dizer, beligerantes. Só se transformam em proscritos e são puníveis como tais onde são julgados de acordo com um critério de ordem pública que não é o seu (Hobsbawm, 2010, p.21-22).

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, pretendo analisar o cangaço feminino, as condições que essas mulheres viviam, as renúncias que elas fizeram e toda sua relevância dentro desses bandos. Essa pesquisa está sendo realizada pela minha afinidade com o tema e pelo fato de existir uma comparação do sofrimento dessas mulheres com as outras que fazem e acontecem no seu cotidiano para superar suas adversidades, coisa que não foi diferente com aquelas cangaceiras. Sendo assim, nosso trabalho vai buscar priorizar os feitos de Maria Bonita e suas colegas no bando de Lampião.

O objetivo geral deste trabalho é retratar a presença das mulheres nos bandos e a identidade que se criou a respeito delas. Partindo disso, iremos retratar a violência e opressão que essas mulheres passaram por fazer parte do bando de Lampião, dentre as quais a mais famosa era Maria Bonita, e iremos falar sobre o legado e memória que estas mulheres nos deixaram.

Como base usei o livro da Adriana Negreiros (2018) que fala de forma livre e real os feitos das mulheres e seus companheiros, mas também fiz uso da tese de Alômia Abrantes da Silva (2008) e Frederico Pernambucano de Mello (2023) para pensar a formação da imagem da “mulher-macho” e da história do Cangaço de forma mais ampla. Esses trabalhos foram somados a outros estudos que abordavam a temática.

O que me motivou a querer discutir essa temática foi que, na graduação, eu tive uma ansiedade grande para pagar as disciplinas de História da Paraíba que haviam na grade curricular. Conversando com amigos do curso eles sempre me perguntavam qual tema eu iria defender e sempre falava que eu tinha dúvidas por estar entre história contemporânea e História da Paraíba, mas que não seria em outra área sem ser uma dessas duas.

Quando cursei a disciplina de História da Paraíba II, me despertou a vontade de falar sobre o cangaço, e quando meus amigos descobriram me deram total apoio e falavam que o assunto era minha cara por eu ter um jeito

“braba” de ser e que a temática combinava muito comigo, então, depois de muita busca e paciência para achar uma pesquisa específica, eu decidi trabalhar com o seguinte tema “Mulheres no Cangaço: condição e fazer”, escolhi este porque gosto do Cangaço e tudo que o envolve, e por falar dessas mulheres que tiveram a coragem de seguir nesses bandos e toda revolução que Maria Bonita fez.

Essa associação entre a imagem da cangaceira e a figura das mulheres nordestinas brabas é uma tônica da literatura. Alômia Abrantes da Silva (2008) discute como foi se constituindo no imaginário nordestino a imagem da “mulher-macho”, essa figura forte, corajosa e beligerante, estrategicamente associadas, nas redes discursivas, a padrões de comportamentos considerados masculinos – uma masculinidade feminina. No que tange às cangaceiras, diz a autora:

O cangaço será facilmente capturado por estas redes discursivas, alimentando estereótipos físicos e perfis psicológicos, que não escaparão às narrativas literárias. Em especial, colaborará intensamente para dar volume e cores às imagens da “mulher-macho” como uma tipificação das mulheres sertanejas. A Literatura de Cordel, em particular, para a qual Lampião e seu bando serão constantes inspirações, será um dos gêneros mais ricos na composição desta tipificação que se torna clássica nesta modalidade literária. Maria Bonita, a companheira de Lampião, principalmente, é traçada com os signos desta duplicidade, já que para ser mulher de um “cabra tão macho”, só mesmo sendo uma “mulher-macho”.

A recorrência sempre atualizada da imagem da cangaceira percorre o tempo e coloca também em circulação signos similares aos de Luzia e outras heroínas de corpo ambíguo. Embora como marca diferencial, Maria Bonita seja comumente retratada como parte de uma história de amor, como aquela que encontra no seu companheiro o que faltava para atingir sua plenitude enquanto mulher, marcada pela feminilidade, mas também intensa em seus traços viris (Silva, 2008, p.114-115).

Iremos falar sobretudo da relevância feminina no cangaço. O objetivo desta pesquisa é caracterizar os feitos delas dentro do cangaço, suas vivências, o que faziam e em que condições faziam suas partes dentro desses bandos. Farei uma revisão de literatura existente para perceber recorrências e novidades nas narrativas, e dentro dessa abordagem vamos ter uma compreensão mais rica e detalhada acerca da entrada das cangaceiras no dia a dia dos bandos de Lampião e na sociedade daquela época, trazendo clareza aos aspectos que são frequentes e negligenciados pela historiografia tradicional.

Retratar as condições de vida de Maria Bonita e suas colegas é importante em vários aspectos, além de mais visibilidade gera uma inclusão, sabendo que o cangaço é concentrado em sua maioria dentro do eixo masculino. Para Lima (2022, p. 31), “a produção que define como viveremos em sociedade também foi forjada nas relações de gênero e na construção da ideia de masculino e feminino, do forte e do frágil”. Analisar também as condições que elas viviam, as barreiras e quais estratégias tinham para sobreviver onde isso tudo iria fornecer uma resiliência gigantesca para elas e para o bando como um todo. Iremos entender que seu legado e memória ajudam a preservar sua histórica passagem pelo Cangaço e fortalece ainda mais a cultura da região Nordeste, trazendo inspiração a outras mulheres. Ainda falando da mulher, essa pesquisa traz um estudo referente a gênero, resistência e poder feminino, um assunto de muita relevância para os dias atuais. A investigação dessas mulheres traz poder para a historiografia do cangaço e acrescenta valor às experiências delas quando se fala em transformação social.

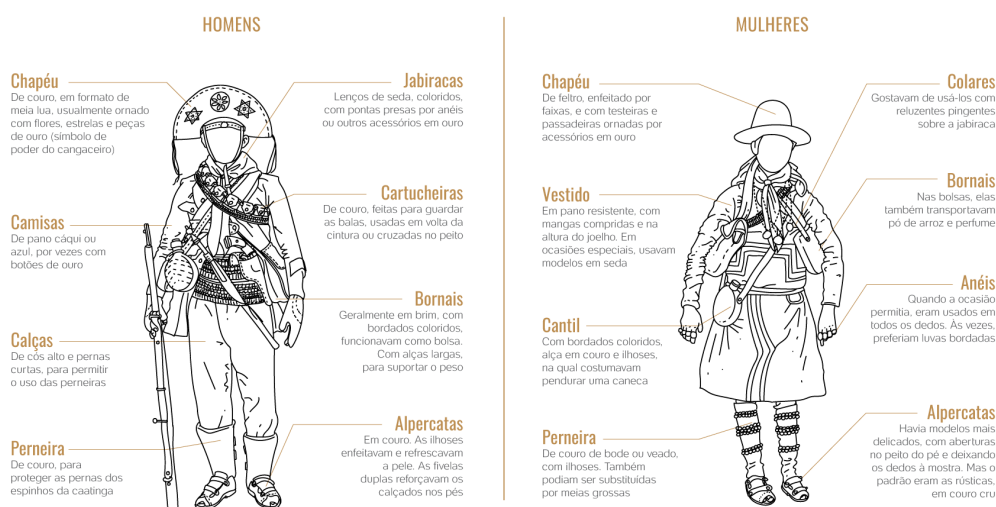
Essa pesquisa é direcionada aos historiadores e pesquisadores que buscam a compreensão inclusiva na história do cangaço, tendo em vista que as mulheres também têm novas informações e visões diferentes.

2. Construção de Identidade

Quando nos referimos ao cangaço lembramos primeiramente de Lampião e Maria Bonita e suas roupas com bordados únicos e que só de olhar já se diz “é roupa de cangaceiro”. Mas quem trouxe este brilho aos cangaceiros não foi Maria Bonita. De acordo com a historiografia, foi a cangaceira a grande criadora desse estilo de vestimentas que passaria a ser entendida como própria dos bandos de cangaceiros. Adriana Negreiros (2018, p. 96) relata que “Virgulino se permitia vestir camisas listradas ou de outras cores e apreciava botões de ouro”.

Figura 1: Vestimentas dos cangaceiros

O arsenal dos bandoleiros



Fonte: Portal Uol. Disponível em: <https://www.uol.com.br/nossa/reportagens-especiais/cabra-macho-com-bordado-seda-e-ouro-a-moda-exuberante-do-cangaco/#page6>

Eles já usavam uma vestimenta parecida a essa que havia sido dada por Padre Cícero a Lampião. E isso ocorreu quando Lampião recebeu a patente para ser capitão do bando, e após o ocorrido ele passou a entender que aquela mescla era o uniforme do cangaço. Adriana Negreiros (2018, p 26) confirma que “como recompensa pela perseguição à força militar revolucionária liderada por Luís Carlos Prestes, o bandoleiro receberia armamentos e uniformes exclusivos do Exército. Também seria nomeado capitão”.

Além disso, em 1926 eles recebiam uma mescla simples e dependendo da proatividade desses homens no bando eles recebiam os demais acessórios.

Tão forte era a identidade visual dos cangaceiros como grupo que eventuais estilos individuais podiam passar despercebidos. Embora todos os homens usassem chapéus enfeitados com moedas de ouro e outros apetrechos, havia diferenças entre eles. Quanto mais poderoso fosse o cabra, maior o tamanho do acessório – e mais reluzentes os seus adereços. O de Lampião, por exemplo, feito de couro de veado, tinha abas como cerca de setenta peças de ouro incrustadas por toda a sua extensão (Negreiros, 2018, p 95-96).

Figura 2: Chapéu de Lampião



Fonte: Blog Lampião Aceso. Disponível em:

<https://lampiaoaceso.blogspot.com/2008/11/cangao-ditou-moda.html>

Tendo em vista que eles já se vestiam de um jeito específico, vamos dizer que Dadá deu seu toque final nas vestimentas do bando. E com o tempo ela passou a ensinar a outras mulheres e homens a fazer esses mesmos bordados. Cangaceiros e cangaceiras, assim, passavam tempo confeccionando roupas, bornais e cartucheiras para compor suas vestimentas. Digamos que Lampião acolheu bem essa nova estética para ser inserida no bando e passou a usar mais apetrechos em sua mescla.

Se Dadá não ia com a cara de Maria, a recíproca, ao menos, parecia ser verdadeira. Dadá logo caiu nas graças do capitão. Durante a gravidez, quando viveu com os índios, havia costurado não apenas bonecas, como também testara novas estampas para bornais. Inventara um bordado diferente, com motivos florais e geométricos multicoloridos, e aplicara-os sobre o bernal de Corisco. De tão exuberante, a peça logo se transformou em motivo de cobiça. “Pode fazer um bordado desses pra mim?”, pediu o capitão. Dadá, toda prosa, respondeu que sim. Nos dias seguintes, dedicou-se a confeccionar o mais lindo dos relevos para o comandante (Negreiros, 2018, p 69).

Figura 3: Bornais dos cangaceiros



Fonte: Folha Online - Galeria de Imagens. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/folha/galeria/500anos6.htm>

Em um dos poucos registros fílmicos do bando feitos pelo jornalista Benjamin Abraão, realizados entre os anos 1936 e 1937, se vê muito sobre o cotidiano dos cangaceiros no bando, é como se ele tivesse sido contratado para filmar o dia a dia deles. “Benjamin viu aflorar em Lampião um espírito de produtor cinematográfico, diretor de arte e preparador de elenco” (Negreiros, 2018, p. 183). Podemos ver que eles tem um modo de vida sofrido, vivem em lugares que se sentem seguros e mesmo assim tinham os volantes que ficavam de tocaia, eles simulam como aconteciam os embates, o modo de como eles se separavam.

Adriana Negreiros (2018, p 88) enfatiza que “Na maioria das vezes, as mulheres ficavam guardadas em coitos enquanto os maridos saíam em busca de combates e outras aventuras” e nessas saídas para combates sempre ficava algum dos homens de Lampião para cuidar das mulheres que ficavam. Das vezes que ficavam nas casas de coiteiros tinham sossego, pois segundo a autora, os “Coiteiros” cooperavam com os cangaceiros não apenas por lealdade, como também por favor de uma morte certa - e sofrida (Negreiros, 2018, p 114).

Traições de ex-protetores eram punidas pelo bando de forma exemplar. Lima (2022, p. 32) afirma que “Nos bandos o respeito entre os casais de cangaceiros(as) significava respeito ao casamento monogâmico, a traição não era tolerada, o adultério era considerado crime de honra – ao menos para as mulheres”. E quanto às mulheres, elas não me pareciam sobrecarregadas de

afazeres pois os homens do bando também partilhavam desses afazeres. As mulheres andavam muito bem vestidas e usavam muitas jóias que eram trazidas pelos seus maridos quando saqueavam suas vítimas ou compravam pelos ourives que forneciam para esses bandos. Maria Bonita mesmo sempre foi muito cortejada de jóias por Lampião.

Maria Bonita ao utilizar elementos do vestuário masculino da época, do momento histórico e de sua tribo que possuem um simbolismo ligado a agressividade, agregados a elementos femininos, românticos e lúdicos tornando o seu vestuário um elemento marcado de simbologia, com traços fortes do cangaço e da cultura nordestina, como a rigidez do lenço e do chapéu, conotando assim a bravura do cangaceiro e ao mesmo tempo os elementos femininos como as meias, as saias amplas e as sapatilhas que são elementos simbólicos da doçura e fragilidade feminina (Pereira e Souza, s/d, p. 04).

A vestimenta que esses cangaceiros usavam, além de protegê-los do sol e da própria vegetação da Caatinga, foram peças-chave de sua representatividade. Atualmente muitos se fantasiam de cangaceiros e existem exposições e museus que trazem a cultura deles, é sobretudo um símbolo de resistência deles. E quando nos remetemos às mulheres elas faziam uso de vestidos ou saias longas para ser mais práticos para aquele modo de vida em que eram inseridas.

Ao analisar a construção de identidade do cangaço, podemos verificar que estes sertanejos não se expressavam apenas com seus atos, suas vestimentas também trazem traços de resistência e de autenticidade em meio a tantas atrocidades que aconteciam nesses bandos. Além disso, foi gerando em si um estilo para dentro do cangaço, e fazendo com que esses grupos fossem conhecidos até hoje. Essas jóias eram motivo de vaidade para essas mulheres, demonstravam muito a situação financeira de alguns cangaceiros. Elas dançavam com seus parceiros e se comportavam como mulheres extrovertidas com seus maridos.

Sendo assim, essa pesquisa sobre a identidade é para relatar o quão foi inteligente da parte deles, especialmente de Dadá de criarem uma identidade visual para seu bando e trazendo isso para as mulheres seria mais um motivo para mostrar seu lado autêntico dentro do bando e trazendo uma força maior para o cangaço nordestino e para essas mulheres.

3. A violência dentro do Cangaço Feminino

A violência no cangaço era marcada por assassinatos, saqueamentos e foi marcado pelo estupro também e não apenas por parte dos cangaceiros. Os policiais e os jagunços que eram contratados a mando dos coronéis para perseguir o rastro dos cangaceiros também abusavam e torturavam mulheres. Por isso, o conceito de ser mulher-macho, toda essa violência externa trazia a necessidade delas serem combatentes assim como os homens dentro do bando, para que elas fossem capazes de cuidar de si e de seus companheiros.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior (1999, p. 185-186) argumenta que “as mulheres nordestinas que se destacam socialmente, que ocupam postos antes ocupados pelos homens, são necessariamente mulheres-machos, descendentes da estirpe de Maria Bonita e Dadá”. Um fato bem corriqueiro no bando era quando eles eram ameaçados por inimigos, eles esperavam o dia e momento propício para invadir a residência deste inimigo e quando não matava ele, se vingava estuprando a filha ou esposa do mesmo, era algo para “eles aprenderem” e não ameaçarem novamente. A entrada de Dadá, uma cangaceira importante no bando de Lampião também foi marcada por violências, antes de entrar, ela foi vítima de estupro por Corisco.

Embora Dadá estivesse cansada e confusa, o Diabo Louro, alimentado pelo desejo, ainda tinha energia suficiente para atravessar a largura de um rio. Conduziu a menina mata adentro e, quando chegaram à roça da Baixa Grande, jogou-a ao chão. Imobilizou-a, levantou-lhe o vestido, abriu-lhe as pernas e se debruçou sobre seu corpo. “Feito um animal”, como ela viria a descrever no futuro, penetrou-a com força, repetidas vezes. Aos doze anos, Dadá perderia a virgindade naquele estupro. (Negreiros, 2018, pág 34)

Podemos ver que atos de violência era algo normal e além disso, era motivo de acerto de contas para eles já que “quanto mais reprimida, isolada do cotidiano, negada, escondida, enclausurada, a violência se encontra, em nossa sociedade, mais atrativa e desejante parece ser” Albuquerque Júnior (1999, p. 181). Um ato que deixou muitos curiosos ainda eram as ferraduras que faziam nas mulheres e uma pessoa em específico que fazia isso e o seu nome era Zé Baiano. Ele ferrava as mulheres no rosto, virilha e outras partes do corpo e era

algo assim como as demais violências para se vingar.

Figura 4: Marcas da violência na face



Fonte: Britto, 2016

Dentro de uma concepção em que o cangaceirismo é encarado, em regra, como meio de vida aventureiro e apenas excepcionalmente como instrumento de vingança, adquire grande interesse o estudo do verdadeiro papel desempenhado por essa vingança, frequentemente apontada como sendo a causa principal na formação de vocações para o cangaço, o que se dá praticamente na totalidade da nossa literatura de ficção sobre o tema (Mello, 2023, p. 120).

Eles eram assim pelo contexto de vida que levavam, eles viam que os coronéis e policiais daquele tempo faziam o que bem entendessem e se sentiam na obrigação de dar o troco a eles. Fora que eles prezavam muito a lealdade e a honra que cada um trazia consigo mesmo, a vingança se tornava algo natural para eles, não é à toa que eram chamados muitas vezes de justiceiros.

Além de ferrar, ele castrava quem ousasse ameaçá-lo ou no caso das mulheres era quando elas fugiam de seus costumes no bando e quando cortavam seus cabelos curtos.

Figura 5: Homem castrado



Fonte: Blog “Lampião Aceso”. Disponível em:

<https://lampiaoaceso.blogspot.com/2010/07/marcas-e-cicatrizes-do-cangaco.html>

Zé Baiano era um dos mais ricos do bando, enchia Lídia, sua esposa, de jóias, e lhe fornecia tudo do bom e do melhor, dentro de suas condições. Lídia por ser a mais bonita das cangaceiras era bastante cobiçada no bando e isso era motivo de Zé Baiano ter ciúmes absurdos por ela e por falar em ser cobiçada, ela traiu Zé Baiano e ele ao descobrir não teve outra reação a não ser matá-la.

Dentre os meninos de Lampião, o mais afeito à ferrada era Zé Baiano. No bernal, a bolsa típica dos cangaceiros, carregava dois ferros de marcar boi com a inscrição JB, iniciais de José Baiano. Depois de esquentar o objeto no fogo em brasa, pressionava-o contra a face, a genitália, a nádega ou a panturrilha de suas vítimas, todas do sexo feminino (Negreiros, 2018, p. 67).

Figura 6: Ferraduras



Fonte: Blog Mendes & Mendes. Disponível em:

<https://blogdomendesemendes.blogspot.com/>

Pereira e Rêses (2021) relatam como foi a morte de Maria Bonita e como foi cruel a sua partida. Há um recorte riquíssimo do livro da Adriana Negreiros (2018, p. 233 - 235) em que o soldado Godoy ignora os pedidos de Maria para que não a matasse e arrancou a cabeça dela ainda com vida e outro ponto é que deixaram o corpo dela com as pernas abertas e com uma madeira enfiada em sua vagina. Acredito que a morte dela foi uma das piores e isso só confirma o quão forte era a repressão no cangaço.

No entanto, podemos ver que a participação da mulher no cangaço dimensionou muita coisa, muitos homens não aceitavam o fato delas serem livres e faziam crueldades do tipo com elas. É da forma que Albuquerque Júnior (1999, p.178) falou: “O nordestino vai sendo desenhado por estas narrativas como este ser violento e efeito aos enfrentamentos pessoais, como este pobre rebelado contra as injustiças dos mais ricos, contra a desonra e a humilhação”.

Mas souberam converter isso e ganharam o lugar de protagonistas de suas próprias histórias, mesmo estando em um ambiente marcado pela violência e notavelmente dominado por homens. E suas ações foram tidas como anormais porque naquela época era algo anormal e fora de sério você deixar sua casa e ir para esses bandos ao invés ter uma vida vista como tradicional e que estivesse dentro das normas de gênero daquela época.

4. Legado e Memória

Sabemos que a figura mais popular do Cangaço, imerso em meio a mil e uma discussão é Lampião, mas deveríamos valorizar as mulheres que fizeram suas participações nesses bandos. Já que lutaram tanto para ganhar espaço, como Lima (2022, p. 23) diz “independentemente da motivação da entrada das mulheres nos bandos, isso significou um ato de rebeldia, para aquelas que escolheram e para aquelas que permaneceram”.

Maria Bonita jamais será esquecida. Silva (2008, p. 115) fala que “Ela tem uma história de sofrimento, de necessidades e privações econômicas, contra as quais resolve lutar”, ela construiu toda sua trajetória e foi a primeira a entrar no grupo, e com sua entrada fez com que Lampião contrariasse sua própria regra e deixasse que mais mulheres habitassem este mesmo espaço.

Adriana Negreiros (2018, p. 49) afirma que “por mais mulheres que entrassem no grupo, nenhuma superava em importância a presença de Maria de Déa”. Maria Bonita tinha título de rainha no bando mas nunca deixou de ser uma mulher alegre e que tinha uma risada que incomodava muito. Com o passar do tempo, conseqüentemente a violência diminuiu, isso não chega ao fato de que a violência tenha diminuído de fato, mas que houve uma redução no número de alguns embates, estupros e saqueamentos, algo que era corriqueiro para eles.

A entrada das mulheres no cangaço veio transgredir essa estrutura, marcando um novo momento vivenciado por homens e mulheres e pelo próprio grupo de Lampião. É também o marco para uma nova organização do cangaço. Elas rompem com os papéis estabelecidos para elas e ingressam em um mundo cercado, limitado e dominado pelo universo masculino. (Santana, 2005, p. 07).

Os desafios que elas passaram me lembram muito o empoderamento feminino, elas bateram de frente com sua própria família para trilhar este caminho e assumiram o peso que era fazer parte desses bandos, sendo chamadas muitas vezes de mulheres do mundo. Adriana Negreiros (2018, p. 121) destaca que “A famosa violência dos cangaceiros não desestimulava algumas sertanejas a querer entrar para o grupo”, não era uma realidade fácil estar no lugar dessas mulheres, elas eram provocadas por seus próprios colegas quando estavam grávidas claramente não ficava fácil carregar um bebê na

barriga levá-lo por vários quilômetros mata adentro debaixo do sol escaldante do Sertão e Maria Bonita sofreu muito em sua gravidez correndo o risco do próprio Lampião querer matar sua própria filha.

Expedita só não morreu ainda bebê, sangrada pelo próprio pai, porque Maria de Déa não deixou. Segundo essa versão, disseminada pelos cantadores de cordel a partir de relatos de seu Zé de Felipe, avô da menina, Virgulino teria sugerido dar fim ao choro insistente da recém-nascida por meio de seu método ritualístico de assassinato (Negreiros, 2018, p. 105).

Acredito que a inserção dessas mulheres nesses bandos foi o ato mais rebelde e transformador delas. Como Lima (2022, p. 35) fala que “o feminino no cangaço foi a constituição de um novo modelo de família, sem romper com os códigos de honra sertaneja, que junto com os cangaceiros criaram uma estética para o cangaço, não se tornou apenas uma profissão, mas um estilo de vida”. Para muitas mulheres da atualidade, Maria Bonita e suas amigas trouxeram um certo tipo de inspiração, pois nós mulheres vivemos em busca de nossa liberdade e sempre enfrentamos as adversidades da vida, seja em tempos bons ou ruins.

De acordo com Silva (2008, p.77-78), “sobretudo no espaço urbano, como sendo mulheres que, indo contra sua natureza, ao reivindicar para si lugares tidos como legitimamente masculinos, acabavam por adquirir traços fisionômicos, estéticos e comportamentais virilizados” e essa virilidade que ganhavam era onde lhe conferiam a autoridade e por conta da fama de seus companheiros o restante do bando acaba lhe dando respeito. Até porque, segundo Silva (2008, p. 115), “Maria Bonita, companheira de Lampião, principalmente, é traçada com signos desta duplicidade, já que para ser mulher de um “cabra tão macho”, só mesmo sendo uma “mulher-macho” já para (Lima, 2022, p. 34) “O feminino no cangaço era a humanização dos homens e mulheres tratados como gado, marcados pelo abandono do estado e pelo autoritarismo e violência do latifúndio”.

Diante do exposto, o legado dessas mulheres nos trouxe riquezas culturais, resistência a qualquer tipo de dominação masculina e fala muito delas serem bastante decididas, levando ao fato das mesmas irem contra a opinião de seus próprios familiares para seguirem suas vidas como cangaceiras. Sua memória e feitos será sempre enaltecida por nós que fazemos parte da cultura

nordestina e por cada mulher que é destinada assim como Maria Bonita foi, que sabe o que quer e é livre para tomar qualquer rumo em sua vida.

5. Considerações Finais

Essa pesquisa trouxe à cena o cotidiano e as formas de construção da identidade feminina no Nordeste a partir da experiência das mulheres no Cangaço. Os objetivos desta pesquisa, foram alcançados com as condições de vida que elas passaram e pude trazer como o Cangaço foi identificado e me refiro às vestimentas deles. Foi importante trazer essa pauta pois, muitos estudos falam que as vestimentas foram eles que criaram, quando na verdade – pelo que aponta a historiografia – não foi isso que aconteceu. As mesclas já existiam, mas foi Dadá quem deu cor e estilo mais representativo a essas roupas com seus bordados.

As condições de vida das mulheres no Cangaço tinha características mais específicas. As cangaceiras foram recebidas no bando, costumavam receber artefatos de seus companheiros, que também partilhavam das atividades domésticas. Mas nem por isso, diz a bibliografia, deixaram de estar submetidas a violências de várias ordens: os seus corpos eram violados sexualmente e houve casos em que eram marcados por ferraduras.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. “Quem é frouxo não se mete”: violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do Nordeste. *Projeto História: revista do programa de estudos pós-graduados de História*, v.19, 1999. p.177-188.

CLAUDINO, Nadja Claudinale da Costa. *As escritas de uma vida: Discursos sobre a cangaceira Maria Bonita (1930-1938)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2017.

HOBBSAWM, Eric. *Bandidos*. Tradução de Donaldson Garschagen. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

LIMA, Caroline de Araújo. As mulheres que subverteram a ordem e o feminino no Cangaço. *Cangaço em Revista*. n.1, 2022. p.15-37.

MELLO, Frederico Pernambucano de. *Guerreiros do Sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil*. 6 ed. Recife: Cepe, 2023.

NEGREIROS, Adriana. *Maria Bonita: sexo, violência e mulheres no Cangaço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

PEREIRA, Lílhia Lima; SOUSA, Rosimere de. Moda e Identidade Nordestina: uma análise da comunicação da vestimenta de Maria Bonita. In: Anais do Colóquio de Moda Disponível em: <https://coloquiomoda.com.br/anais/>. Acessado em 4 jun. 2024.

PEREIRA, Maria Carreiro Chaves; RÊSES, Erlando Silva. Mulheres e violência no Cangaço: breve história de vida de Maria Bonita e Dadá." *Linguagem: Estudos e Pesquisas*, n.25, 2021, p.61-70.

SILVA, Alômia Abrantes da. *Paraíba Mulher-Macho: tessituras de gênero, (desa)fiões da história (Paraíba, século XX)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

SIQUEIRA, Thais Vidal; LOPES, Thaís. As vivências do bando de Lampião a partir de uma ótica feminina. *Lampiar*, v.1, n.1, 2022. p.128-135.